



18º Congresso de Iniciação Científica

**INCLUSÃO ESCOLAR E DEFICIÊNCIA MENTAL: REFLETINDO SOBRE OS CAMINHOS
ALTERNATIVOS PARA A CONQUISTA DA IDENTIDADE E DA AUTONOMIA NO ÂMBITO DAS
INTERAÇÕES SOCIAIS**

Autor(es)

RAFAELA DE MORAES

Orientador(es)

MARIA INÊS BACELLAR MONTEIRO

Apoio Financeiro

PIBIC/CNPQ

1. Introdução

Esse estudo se fundamenta nas proposições elaboradas por Vigotski referentes ao processo de desenvolvimento, que nos permitem compreender que o indivíduo só irá aprender se as experiências sociais forem propiciadas de maneira significativa, isto é, se elas fizerem sentido para o sujeito e para os outros de seu grupo social. Por isso destacamos a importância do outro no processo de aprendizado, pois aprendemos a ser homens por intermédio de outros homens através da mediação semiótica que possibilita a interação da criança com o mundo. Como todos nós, os alunos precisam das palavras do outro, dos ensinamentos dos outros, da ajuda e do modelo do outro, das estratégias dos outros... Dito de outra forma, o caminho do desenvolvimento está em dar significado ao que é simbólico. Os significados vão sendo construídos na interação com as pessoas, por meio da linguagem e de suas mais diversas expressões. É neste sentido que o outro pode intervir de modo a mobilizar os processos compensatórios e o desenvolvimento das funções mentais superiores. (VIGOTSKI, 1997). Consideramos ainda que o sujeito deficiente mental incluído na escola regular se constitui à partir dos dizeres do grupo social que o rodeia. Assim, a imagem que os sujeitos compõem de si reflete a imagem que os outros de seu grupo fazem dele. Segundo Góes (2004): "...o deficiente é falado de diferentes modos, nos dizeres coletivos, tendencialmente como o normal incompleto, o imperfeito." (p. 85). O reflexo dessa imagem é verificado nos próprios sujeitos, conforme nos indica Maffezolli (2004) que evidenciou nos dizeres de sujeitos deficientes mentais, entrevistados em seu estudo, a condição infantilizante que lhes é propiciada pelo grupo social.

Segundo Góes (2004), a construção da significação de si e as noções de identidade e alteridade no processo de formação de sujeitos deficientes são questões pouco consideradas na prática de inclusão escolar. Só poderemos dizer que um aluno está incluído se ele puder interagir com os colegas, partilhar conhecimentos, participar das atividades realizadas em sala de aula, apropriar-se de novos conhecimentos e tiver a sua disposição os recursos necessários para a superação cultural do déficit.

Com o intuito de refletir sobre os modos de atuação do professor que podem contribuir para a criação de caminhos alternativos de aprendizagem e desenvolvimento de crianças com dificuldades acentuadas para aprender, especificamente aquelas que apresentam deficiência mental, é que propusemos o presente estudo. Buscamos na observação de processos interpessoais, os indícios da construção do conhecimento no contexto educativo.

2. Objetivos

Neste estudo tivemos como objetivo conhecer modos de atuação do professor que podem contribuir para a criação de caminhos alternativos de aprendizagem e desenvolvimento de uma criança com dificuldades acentuadas para aprender (deficiente mental) que frequenta uma escola municipal de uma cidade do interior do Estado de São Paulo. Em estudos desenvolvidos anteriormente, pelo grupo de pesquisa ao qual este estudo está vinculado, observou-se que os conteúdos referentes à construção da identidade e autonomia, propostos pelo Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, não se efetivavam na prática escolar com alunos deficientes mentais. Também se observou que os professores revelavam dificuldades em saber como atuar no sentido de criar formas alternativas e significativas, no âmbito das interações sociais, para a participação efetiva da criança no processo de ensino-aprendizagem. Assim, dirigimos a atenção, neste estudo, para os processos interpessoais, responsáveis pela formação do sujeito e pelos modos de construção do conhecimento no contexto educativo.

3. Desenvolvimento

A pesquisa de campo foi desenvolvida em uma escola regular municipal de uma cidade de porte médio do Estado de São Paulo. Participou do estudo um aluno com dificuldades acentuadas para aprender, Guga (nome fictício para preservar a identidade do sujeito), que frequentava o 1º ano da etapa inicial, sua professora e demais colegas de sala. Foram realizadas quatro filmagens desse aluno no espaço escolar. A partir das transcrições dessas filmagens procedemos às análises, buscando indícios dos caminhos utilizados pelo professor e aluno para superar as dificuldades encontradas no processo ensino-aprendizagem dos conteúdos escolares. Consonante aos demais trabalhos desenvolvidos pelos pesquisadores vinculados ao grupo, neste estudo nos fundamentaremos na perspectiva teórico-metodológica histórico-cultural, uma vez que esta permite a análise qualitativa e a compreensão dos processos interpessoais, responsáveis pela formação do sujeito e pelos modos de construção do conhecimento no contexto educativo. As questões formuladas inicialmente nos orientaram para a compreensão dos fenômenos em toda a sua complexidade e em seu acontecer histórico. Isto é, não se criou artificialmente uma situação para ser pesquisada, mas fomos ao encontro da situação no seu acontecer, no seu processo de desenvolvimento, dando atenção às minúcias do curso de transformação das ações do sujeito.

Os dados foram construídos à partir de recortes de episódios interativos do aluno em atividades na escola regular. Essa forma de proceder, denominada análise microgenética, se caracteriza por uma análise minuciosa de um processo, de modo a configurar sua gênese social e as transformações do curso de eventos. (GÓES 2000). Buscamos assim compreender o desenrolar das ações do sujeito e explicar suas construções e transformações cognitivas, considerando a natureza social e o papel do outro em todo o processo.

4. Resultado e Discussão

Os recortes de dois episódios apresentados a seguir referem-se a interações de Guga com seus colegas e professora e sua participação nas atividades propostas para a classe. Focalizamos especificamente os dados que revelavam as relações professor-aluno, os recursos utilizados e os caminhos alternativos propostos para a aprendizagem, uma vez que essas eram as principais questões que nos propusemos responder no início desse estudo.

Episódio 1:

A aula começa com uma oração e Guga participa fazendo gestos como os outros mas não fala. Um aluno tenta ajudar Guga a abrir o caderno e fazer a tarefa (cabecalho), mas ele se esquivava e não deixa.

Enquanto todos os alunos estão copiando o cabeçalho da lousa Guga continua com o caderno fechado em cima da mesa. A professora pergunta aos alunos se eles têm lápis e borracha, todos respondem e Guga se levanta da carteira e vai até a professora para lhe dizer à sua maneira que está sem o material.

Professora coloca na lousa o nome de todos os alunos que estão sem o material para emprestar de algum outro colega e no fim da aula os alunos devolverem. Ela pergunta um por um do que está precisando quando chega na vez de Guga ela pergunta se ele estava sem borracha e ele mostra a borracha dele e ela pergunta se ele está sem lápis e ele com um aceno de cabeça responde que sim.

Guga começa a tarefa (cabecalho), ele percebe que não consegue copiar da lousa e copia o cabeçalho do dia anterior que estava na

outra folha de seu caderno. Todos os alunos já terminaram o cabeçalho e Guga ainda não terminou, a professora vai até Guga para poder auxiliá-lo.

Professora começa outra atividade, (a escola irá fazer uma feira de insetos e o inseto que a sala do primeiro ano ficou responsável foi a borboleta) ela pergunta aos alunos o que eles sabem sobre a borboleta, os alunos levantando a mão responderam, enquanto Guga ainda estava fazendo a primeira tarefa, ou seja, copiando o cabeçalho.

Episódio 2:

A professora leu uma história sobre a Branca de Neve e os Sete Anões, todos estavam prestando atenção, parecia que Guga não estava muito interessado, mas quando a professora terminou de ler a história ela perguntou para cada um dos alunos o que havia de diferente nesta história com a outra que ela havia contado algumas semanas antes *QUAL ERA ESSA HISTÓRIA?*, todos relataram o que havia encontrado, quando chegou a vez de Guga todas as crianças fizeram silêncio e ele tentou se expressar verbalmente mas não conseguiu então ele fez alguns gestos e a professora aos quais a professora foi atribuindo sentidos (o anão que tropeçou em uma pedra e caiu), e ela perguntou se realmente era isso mesmo que ele queria dizer e ele fez uma sinal que sim com a cabeça.

No primeiro episódio vemos a dificuldade que Guga demonstra para participar da atividade com independência. Quando a professora chama sua atenção para a atividade ele participa momentaneamente, mas logo se dispersa. Isso demonstra a necessidade do outro para sua participação. Sozinho Guga ainda não consegue manter sua atenção na atividade. Ele pode participar, mas precisa da ajuda, verbal ou física do outro para fazê-lo.

Vigotski (1997) chama a nossa atenção para a importância de conhecermos aquilo que a criança ainda não faz sozinha, mas faz com a ajuda do outro para o processo de ensino-aprendizagem. Ele denomina de zona de desenvolvimento proximal o espaço entre aquilo que a criança já sabe fazer sozinha (desenvolvimento real) e aquilo que ainda não faz sozinha (desenvolvimento potencial). Segundo ele é neste espaço que o professor pode atuar. É aí que se encontram as possibilidades de aprendizagem.

No segundo episódio percebemos Guga buscando outro caminho para participar da atividade. Ele usa gestos ao encontrar dificuldade para se expressar oralmente. A professora interpreta os gestos de Guga o que foi fundamental para dar sentido ao seu querer dizer e fazê-lo participar da atividade. A interpretação da professora permitiu a Guga demonstrar que entendia o que estava sendo realizada e que sua dificuldade estava em se comunicar oralmente.

5. Considerações Finais

As análises realizadas permitiram conhecer alguns modos de atuação do professor que podem contribuir para a criação de caminhos alternativos de aprendizagem e desenvolvimento de alunos com dificuldades acentuadas para aprender.

Vimos a importância do outro (professor) para dar sentido aos dizeres do aluno e assim criar possibilidades do mesmo avançar no processo de ensino-aprendizagem. Guga também buscou caminhos para participar (usou gestos para se comunicar quando não conseguia verbalizar), mas se estes não fossem aceitos e valorizados pela professora provavelmente Guga desistiria e seria impedido de realizar a atividade com todos os colegas.

Os dados permitem concluir que é possível criar caminhos alternativos que possibilitem a superação das dificuldades do aluno. Para descobrir tais caminhos o professor precisa ficar atento às possibilidades do aluno e investir nestas para avançar no processo de ensino-aprendizagem.

Referências Bibliográficas

GÓES, M. C. R. A formação do indivíduo nas relações sociais: contribuições teóricas de Lev S. Vigotski e Pierre Janet. Educação e Sociedade, Campinas - CEDES, v. 21, n. 71, p. 116-131, 2000.

_____. Desafios da inclusão de alunos especiais: a escolarização do aprendiz e sua constituição como pessoa. In: GÓES, Maria Cecília Rafael; LAPLANE, Adriana Lia Frizman (orgs). Políticas e práticas da educação inclusiva. Campinas, SP: Autores Associados, 2004, p. 69 – 91.

MAFFEZOLI, R. “Olha, eu já cresci”: A infantilização de jovens e adultos com deficiência mental. Piracicaba, 2004. Dissertação de Mestrado

VIGOSTSKI, L. S. Fundamentos de Defectologia. Obras Completas. Tomo 5. Playa, Ciudad de La Habana: Editorial Pueblo y Educacion, 1997.